



# Gaiato



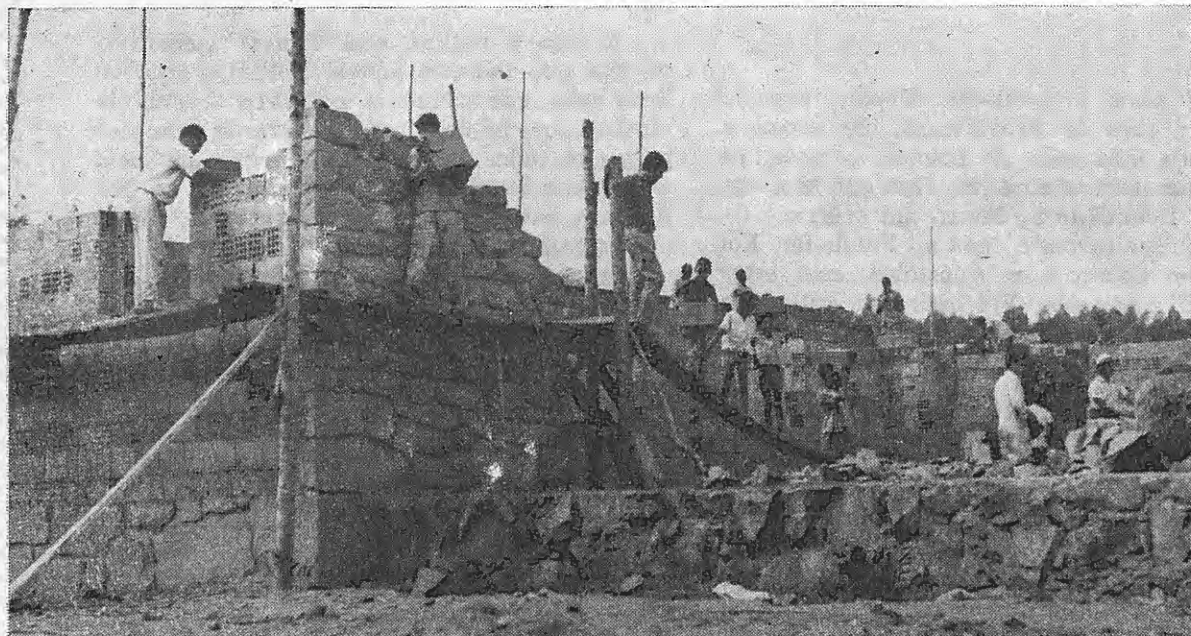
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

7 DE NOVEMBRO DE 1964  
ANO XX — N.º 539 — Preço

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ PUINZENHA  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



A Casa-mãe cresce, cresce! É um gosto vê-la subir!

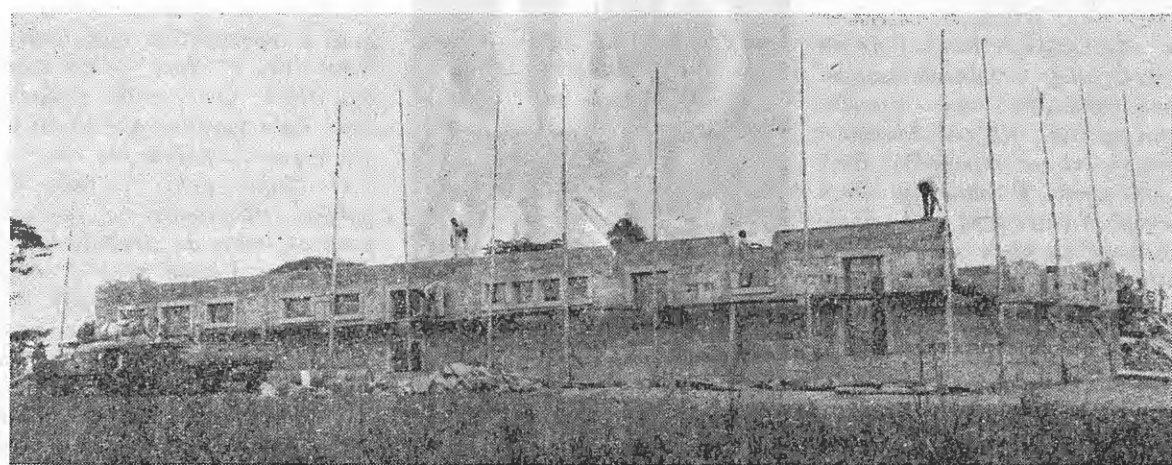
## A OBRA DA RUA EM ANGOLA

Cumpre-se no próximo dia 16 o primeiro aniversário. Em 14, os dois grupos fundadores, cansados por doze dias de mar e alvoroçados pela terra nova a que aportavam, puseram pé em Luanda e separaram-se, cada qual rumo ao poiso que Deus lhes destinara. Mas foi em 16 que nos estabelecemos nesse poiso a que cada um era chamado a dar o melhor do seu amor — e a que tem dado, por graça de Deus.

Um ano depois, ultrapassados todos os receios naturais em quem começa; vencidas dificuldades previstas; face a uma ou outra inesperada, nomeadamente a lentidão com que muita coisa se resolve por lá — o balanço é acentuadamente positivo.

Felizes os Pobres e os Abandonados porque Deus suscitou mais alguém que sente com eles e se deu à missão de os defender e guiar. Feliz a Igreja pela presença de mais estes pequeninos obreiros na grande tarefa do crescimento do Reino — felicidade que nos tem sido manifestada tão abundante quanto ternamente pelos nossos Bispos de lá. Felizes nós todos, porque o Senhor Se quer servir de instrumento tão pobre para uma válida realização dos Seus intentos.

A Casa de Benguela experimenta a alegria da compreensão que  
Continua na TERCEIRA página



O vermelho dos tijolos contrasta com a verdura estonteante.

## AREIAS DO CAVACO

Foi num domingo. O mês acabara na véspera. Agarrados a mim, um magote de pequenos foram os meus companheiros na manhã daquele dia. O carreiro que leva à sanzala era-me familiar. Mesmo à porta da cubata dei de frente com ele. Trabalhava em nossa Casa e recebera a sua jorna do mês, no dia anterior. Mal se tinha de pé e os lábios mal podiam pronunciar palavras. Embriagado, acabava de chegar da «loja» vizinha.

Fiquei triste. Pensei nele; pensei no dinheiro que lhe demos pelo seu trabalho e que, com tanto custo, foi amealhado. Já nada tinha. Sacrifícios

em vão! Trabalho inútil! O que juntou num mês, foi desperdiçado num dia, inutilmente!

Na taberna, ao lado, havia algazarra. Eles e elas, à mistura, vão sorvendo o álcool que os arruína e leva à morte prematura. Transformam-se em farrapos humanos, joguetes nas mãos de pessoas sem escrúpulos, cujo único interesse é arrecadar dinheiro.

Naquele homem que tinha à minha frente e nas casas, ao lado, vi uma lei geral. Pobre gente! Falta-lhes o sentido de economia. Falta-lhes tudo. A

Continua na QUARTA página

## Cantinho de Malanje

CONTINUAMOS. Vamos construindo sem verbas especiais destinadas para tal. É o milagre de Pai Américo! Damos lenha por tijolo; algum cimento que nos deram do nosso trabalho; as migalhinhas que vão vindo... — e a Casa-mãe cresce, cresce! É um gosto vê-la subir! O vermelho dos tijolos contrasta com a verdura estonteante.

«Eles» também aumentaram. Eu bem não queria...: falta de espaço, período de obras...; mas ele a urgência.

Veio o Amadeu. Estava a dormir por favor na casa dum mulher. Não tem pai nem mãe. Nem irmãos. Nem sentia carinho. Está feliz. Expressou-mo por estas palavras: «Aqui estou bem». Aqui. O além e o ontem já não contam; sente-se liberto. Como é parecido ao «Elvas» de Paço de Sousa, a malta foi logo: Olha o «Elvas»!

Vieram o Chico e o Eduardo — dos sulcos sangrentos dum batalhão.

E o António, veio do bairro da Catepa. Vivia com a avó, os dois de esmolas. A mãe morreu. O pai... Ao perguntar-lhe, apontou o bracito magro para umas casas brancas dizendo: «Já foi».

ENTREI na cubata dum velhinha pobre e doente. Pobreza total. Confesso que não fiquei tão impressionado como quando na Metrópole em casos idênticos. Muitos cristãos me têm dito o mesmo. Porquê?

Estaremos nós mais frios? Ou a distância enorme entre nós e o Pobre obscurece o nosso sentir?

Aquela velhinha algumas vezes passa fome. A fome igual. Ela é nossa irmã.

Cont. na TERCEIRA página

# Bodas de Prata

**F**Á-LAS a «Obra da Rua» na próxima Festa do Santíssimo Nome de Jesus. Fundado neste Nome — Jesus é a Pedra Angular de toda a construção que o tempo não desgasta... e acrescenta — foi que Pai Américo começou, em 7 de Janeiro de 1940, com três rapazes das ruas de Coimbra, na pequena quinta de Miranda do Corvo, já conhecida das Colónias de anos anteriores.

E, porque ainda não deixou de ser em nome d'Ele que na Obra se tem agido, é que, apesar da pequenez de cada um dos que A perfazem, Ela cresceu daqueles três aos a passar de setecentos que hoje somos, desde Beire a Benguela.

Todo aquele que procurar outra causa para este efeito, profana. Jesus é a razão total do nosso nascimento, da nossa sobrevivência.

Não será outra a explicação daquele ardor profético com que Pai Américo afirmou e reafirmou: «A Obra começa quando eu morrer». O génio da sua personalidade poderia justificar aos olhos de muitos o êxito da Obra. Ele sabia-o, na simplicidade com que os inspirados aceitam os carismas que Deus lhes fez. Mas, é tradição na Igreja de Cristo que os carismas

são dom para o arranque. Depois, seguirá somente a obra da Providência, que cresce e se expande pela mão de homens comuns, os quais nunca terão outra grandeza que não seja a da sua fidelidade ao Mestre no exercício da vocação primeiramente dada ao Fundador. Foi assim com Cristo e os Apóstolos; com estes e os seus sucessores. Foi assim de cada vez que do velho tronco sempre fecundo da Mãe Igreja algum novo rebento nasceu.

Foi assim com a «Obra da Rua». E por isso o seu começo — de certo modo mais espiritual enquanto o seu fundamento divino se tornou mais acessível aos homens — é marcado pela morte do Fundador.

A morte dos Justos é uma passagem; não é um abandono. É sempre uma purificação, que se exprime em termos de prémio para o que passou e se consuma em vantagem para os que ficaram. Lá, onde o Justo vive eternamente, ele é activo, poderosamente activo como nunca foi.

Já vêem os homens de menos Fé que querem à «Obra da Rua» que não há outra causa... Pois que creiam com Ela e por Ela na perene pujança de tudo quanto se faz em nome de Jesus.

**A**O darmos esta primeira notícia a dois meses exactos da data aniversária, não temos outra intenção que não seja a de associar à nossa preparação espiritual a grande Família da «Obra da Rua» que vive fora dos seus muros, partilhando das suas alegrias e tristezas e robustecendo-se por meio d'Ela com a mesma divina seiva que A fecunda. Já este ano demos como intenção geral aos nossos rapazes em retiro, esta: que o aproveitassem e pedissem ao Senhor para nos ajudar a celebrar dignamente os nossos vinte e cinco anos de existência. Não desejamos realizar «festas brilhantes». Aspiramos a viver os dias 3 a 7 de Janeiro na alegria perfeita das nossas consciências em paz, agradecendo a Deus pelo que Lhe temos correspondido, pedindo-Lhe desculpa pelo muito em que não correspondemos e pedindo-Lhe mais luz e mais generosidade para que sim.

É esta a notícia que damos; melhor, o convite que fazemos àquela multidão que só Deus sabe, que comunica connosco através de «O Gaiato» e há-de querer preparar-se connosco para que todos juntos — ainda que distância nos separe — celebremos no espírito de Pai Américo esta jornada feita e tomemos alento para continuar.

E remato com uma notícia tão singela quanto significativa e feliz.

Nesta «Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes» (assim como «de doentes, para doentes, pelos doentes»), um deles, que vive, honesto e modesto, em Moçambique e foi das Colónias antes de haver Casa do Gaiato e depois foi de Miranda do Corvo e Paço de Sousa — o Luis «Velha», sempre atento a tudo que diz respeito à Obra que lhe foi e a quem ele quer ainda como a sua Mãe, já há meses me lembrava «que a nossa Obra faz no dia 7 de Janeiro 25 anos que foi fundada. Não era preciso dizê-lo, pois eu lembro-me tão bem como o Senhor. Basta ser um dos primeiros e o mais velho gaiato para que isso não me esqueça. E quero participar na Festa com uma pequenina ajuda».

Só tenho pena de também me ter lembrado, para gozar a alegria maior de ser lembrado por ele.

O Bernardo, de olhos vivos em rosto negro e sorridente, tem quinze anos feitos. É paralisado dos membros inferiores. Veio de Luanda, onde vagabundeava sem rumo definido, nem amparo certo, porque os pais, também de cor, vivem separados. Hoje mora aqui. É uma presença necessária entre nós, como apelo constante ao amor do irmão de outros continentes.

A senhora Gertrudes, sem família alguma, vivia por esmola numa capoeira em pátio da capital, ao Alto de S. João. É cancerosa em estado avançado. Foi o Serviço Social quem a trouxe. Não é costume ser assim, mas desta vez foi. Gostamos mais de ir em demanda dos que são daqui para que saibam que os queremos amar, sobretudo por estarem em precisão. Nós não somos obra de assistência que recolhe. Somente ansiamos ser servidores dos Pobres e amigos deles. Ora a senhora Gertrudes veio pelo Serviço Social, para que este visse o que isto é e se escandalizasse com nossas

**CAL  
+ VA  
RIO**

falhas. É que falta aqui muita coisa a que vulgarmente se anda habituado. E nós não as possuímos. Ele nem portaria, nem secretaria, nem direcção, nem corpo administrativo, nem cheiro a hospital. Isto, sim, foi o que o dito Serviço notou. Costumam

este e tantos outros vir preparados para encarar coisa grande ou pequena, — não sabemos — e não reparam em mais nada. Nem sequer vêem o essencial que isto é: uma família singela, onde cada membro que chega já era esperado porque de cá.

O Pinho, pobre e filho de pobres, trabalhava na lavoura para os lados de Arouca. Ele é de Arouca. Vai em vinte e cinco anos. Miopatia inesperada tolheu-lhe os movimentos e hoje anda com imensa dificuldade. Vivia só nestes últimos tempos. A mãe faleceu e o pai não o quis em casa. Sacudiu o peso. E o pobre inválido comia aqui e além em casa dos pobres. E dormia em aídos dos mesmos pobres. Os pobres são pobres, mas sabem valer-se na hora própria aos que entre eles carecem. E isto não é pobreza!

São os três da última hora! Como todos os demais, vão saboreando pouco a pouco o que isto é, e não tarda que comecem a integrar-se nesta Obra de doentes, para e por doentes. O lema dado por Pai Américo marca a finalidade e dita o tom da mesma Obra. Esta destina-se ao doente sem cura e sem família. E recolhe-o ao lado de outros, para que viva com eles, e assim

Continua na QUARTA página

## DIÁRIO DE UM SOLDADO

Que alegria saber que tudo dentro da nossa casa corre bem e que o Pai está contente!

Grande novidade me trouxe a eleição do chefe maioral. Alguns dos mais votados são rapazes que, em certa altura, não respeitaram as regras de trânsito na estrada de Deus. Felizmente, depois de tantos choques e tantas amolações, conseguiram ver ao longe a luz branca da redenção. Depois das desilusões vêm as vitórias. Deus não só se compadece do pobre pecador que, errante, segue sem olhar a Cruz, como também dos que trabalham por Seu amor.

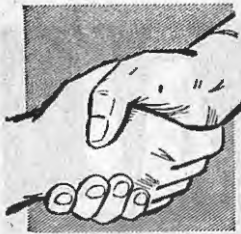
Que bom seria que esta onda de euforia perdurasse! Mas a vida tem um pouco de tudo e tem de ser assim porque, de contrário, seria viver num paraíso e o Senhor não quer.

Que alegria, pois, eu sinto. Eu que também cheguei a acreditar que os meus problemas jamais seriam resolvidos e assim, em dor e crises de desesperança, consegui chegar ao cimo do calvário, depois de muitas quedas sob o jugo do demónio, que é infinitamente mais pesado, e de, com humilhação, curvar estes joelhos e olhar bem de frente a Cruz onde Cristo sofreu por amor de mim.

Hoje, longe da cura, mas muito melhor, eu sinto a alegria dos que **caminham**. E, encontrado Aquele que me procurava afanosamente, ganhei outro amor à vida, que durante tantos anos me torturou, enquanto foi um enganador matar do tempo com prazeres caseiros e tanta mesquinhez.

Agora que começo a tomar o sabor à vida e a amá-la, embora varrida a alma e aberta a Cristo para nela morar, não queria que Ele me levasse. Quero viver e do meu coração irradiar algo de aproveitável para os que, como eu fui, ainda não conhecem o Caminho e a Verdade.





# Auto- Construção

«É melhor prevenir que remediar». Há relação entre a criminalidade e a falta de alojamento conveniente. Certamente há criminosos que nasceram e vivem em palácios. Mas as estatísticas começam a fazer-se à base da sociologia e demonstram haver uma relação íntima, uma relação causal, entre os crime e a falta de habitação. Educar é, antes de mais, prevenir. Governar, em bom número de casos, também é prevenir. Procurar construir uma casa no tempo da juventude é prevenir o futuro e, como ainda repete tantas vezes o nosso povo, «homem prevenido vale por dois». Este movimento, além de promover a construção de habitações, por esse mesmo facto está a dar uma mentalidade, uma maneira de ser aos Auto-Construtores e até, num caso ou noutro, aos seus amigos. Uma das épocas mais decisivas na vida do homem é aquela em que prepara o seu casamento. Tanta e tanta importância que esse tempo tem. Ainda há uma ou outra pequenina aldeia, um ou outro pequenino povo onde ninguém vai para o casamento sem primeiro ter a sua casa. Há pequeninas aldeias, pequeninos povos onde ainda hoje é assim. «Quem casa quer casa» e para

## A OBRA DA RUA em Angola

Cont. da PRIMEIRA página

se realizou entre os que estavam os que foram e vai enriquecendo pela sedimentação nuns e noutros daquelas ideias-força que constituem a mística de que Pai Américo impregnou a «Obra da Rua».

Na Casa de Malanje goza-se a natural e justa compensação de todos os desbravadores, que vêm surgir do nada (qual obra de criação!) uma pequena cidade, já aberta e cada vez mais eficaz — o esperamos — para os abandonados, a quem devemos reparação e amor.

Em ambas as Casas é uma realidade que reforça continuamente a nossa confiança, o encontro da compreensão e do carinho de que, desde a primeira hora e cada vez mais, temos sido objecto por parte das populações que nos rodeiam.

Em toda a Obra me parece sentir que esta extensão do nosso labor às distantes terras de Angola, em vez de dividir, uniu e mais nos fez crescer a todos no sentido da unidade cujo esforço incessante mutuamente nos devemos.

Esta constatação confirma-nos que o nosso ir para lá foi na verdade o querer de Deus e não o nosso — o que é causa de grande paz.

Ao avoecar o nosso segundo ano em África, aproveitamos renovar o nosso voto: A intenção que lá nos levou e lá nos mantém, não é a acção assistencial como fim; mas, por meio dela, o darmos testemunho de que a misericórdia de Deus é infinita e de que a Sua Paz nunca foi negada aos homens que recebem o Seu Cristo.

alguns, mesmo nos nossos tempos, esse ditado obriga, é prático. É verdade que essas habitações muitas vezes são modestas, não têm mesmo um mínimo de condições. Mas são vivendas e seria uma vergonha pública para uns noivos casarem-se sem primeiro terem a sua casa. Que acontece, hoje, no entanto em muitos casos? Um bom número de jovens casam-se sem terem casa própria. Há, no pensamento da maior parte, uma tábuca de salvação: Vamos para Lisboa. E lá? Ou a barraca ou o quartito com duas, três ou quatro famílias. Mas uma família, digna deste nome, não pode viver assim. Não deve viver assim. Que será preferível: a barraca individual ou o quartito colectivo? Há que prevenir. Tem que se fazer um trabalho de educação em profundidade. Uma carta recebida, que se fazia acompanhar de um cheque de mil escudos, falava na dignidade que Auto-Construção está a dar aos trabalhadores. É um dos nossos propósitos. Que o homem respeite a sua dignidade de homem, de cristão. Que seja inteligente, sabendo prever e tenha a coragem de prevenir. E por certo quando prevenirmos mais, remediaremos muito, muito menos.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

## Cantinho de Malanje

Cont. da PRIMEIRA página

Alguma coisa em nós impede de sentirmos e agirmos em conformidade.

Se o julgamento nos superiores, se a nossa vida mais materialista, se preconceitos raciais — vejamos.

O «De cada vez que tiverdes vestido os nus, recebido os viajantes, alimentado os famintos, tratado os doentes, será a Mim que o tereis feito; de cada vez que tiverdes recusado fazê-lo, será a Mim que o recusareis» é também aqui. Não podemos mudar o Evangelho. Cristo está em todos os que sofrem. Não passemos adiante sem olhar. Nem nos refugiemos no perigoso: «Eles não têm necessidades; estão habituados».

Padre Telmo

## PAÇO DE SOUSA

● A sessão de teatro que todos os anos levamos a efeito no nosso salão de festas por altura do Natal, está a ser cuidadosamente preparada. Apesar da pouca experiência da maior parte dos actores, João da Rocha anda animado dos melhores propósitos para que a sua estreia como director artístico seja aquilo que ele e todos nós desejamos.

● Não obstante a chuva que durante alguns dias se fez sentir, o que nos dificultou mais o trabalho, a nossa vindima começou e acabou bem.

Rapazes de todas as oficinas fizeram parte dela. Uns colhiam, outros apanhavam bagos e outros acartavam gigos para o tractor. Serafim ao volante deste, transportava-as para a adega. Aqui, Domingos tecelão comandava as operações. Senhor Padre José Maria andava todo satisfeito por ver que tudo corria bem. E foi quase sempre assim de principio ao fim.

● Eu preciso, tu precisas, ele precisa; nós precisamos... de instrumentos musicais. Este pedido já foi feito diversas vezes. De todas elas, quase nada recebemos. Eu não sei se tenho jeito para pedir. O que é preciso é descontração. O resto é conversa! Ora já que começamos com descontração, aconselhamos os amigos leitores a fazer o mesmo e tenham a bondade de mandar para cá muitos instrumentos musicais. Novos? Ó felicidade! Ó ventura! Velhos? Bem... também serve.

Para terminar, eu agradeço, tu agradeces, ele agradece; nós agradecemos... tudo que nos mandarem.

Fausto Teixeira

## Belém

● A vindima — Era para a fazermos nos fins de Setembro, mas o tempo gastou-se noutros afazeres e só a pudemos fazer em Outubro. Foi pena, porque veio a chuva. Não foi tão alegre nem o vinho fica tão forte. Começamos logo de manhã. Andávamos duas a duas com os cestos de mão, que depois iam despejar nas gamelas e nos canastos, para as mais velhas irem levar ao lagar. Nós este ano já vindimámos mais do que a gente de fora e para o ano ainda há-de ser mais. No primeiro dia vindimámos os cachos brancos e no segundo vindimámos os pretos, para se fazer vinho branco e tinto. O primeiro foi para a cuba no mesmo dia em que se esmagou, para ficar mais clarinho. O tinto ainda ficou no lagar, a ferver, e mais tarde é que passou para a cuba.

Este ano temos menos vinho do que no ano passado, porque, primeiro o frio e depois as chuvas estragaram muitos cachos.

Permita Deus que o vinho fique bom e se venda bem para ajudar a pagar o muito que se gasta com o cultivo da quinta. É que nós ainda somos muito pequenas e é preciso trazer sempre pessoal de fora.

Fátinha

● Apanha das nozes — Num domingo quando andávamos a brincar, a Mãe Ofélia foi-nos chamar e levou-nos até ao tanque. Estavam lá de molho os cestos que tinham servido para a vindima. Lavámos dois e fomos direitas a uma nogueira. Começámos a apanhar as nozes do chão e depois varejámos. Quando já não chegávamos a mais nenhuma fomos para outra. No chão havia muitas e depois de apanhar estas a Mãe Ofélia e a



# PELAS CASAS DO GAIATO

Edite varejaram a árvore. No fim fomos lavar muito bem — as nozes que estavam sujas de terra, trouxemo-las para casa e estendêmo-las na varanda para secarem ao sol. Agora já acabaram de varejar as nogueiras que têm sido causa de muitas tentações.

Sãozita

## BEIRE

● Mais uma vez peço desculpa aos benfeitores da nossa Conferência de Beire. Eu o crónista, tenho sido um desmazelado pela escrita para com os nossos leitores que tão amáveis são para com os nossos Pobres que tanto necessitam do nosso auxílio. Na última crónica que escrevi enviei-me para os nossos velhinhos, isto é, Senhora Emilia e Senhor Joaquim, uma manta, uma coberta e dois lençóis e ficaram remediados. Agora para vestir não têm grande roupa de agasalho. E não só eles, mas também o Pobre do Armando que ainda está em serviço da Pátria no Ultramar e agora ficou a ser substituído pelo Cabeça Santa que é um grande confrade da nossa Conferência. A pobre dele tem ainda crianças na escola, esses de que já vos falei também, precisavam de agasalhos e calçado. Se por acaso tiverdes de vossos filhos coisas que lhes não sirvam, tudo é útil. Aqui há dias

vinha do meu trabalho e ao por estava a Senhora Maria Ferrei toda aflita: «Senhor António, meu Marido está na cama e tenho que lhe dar de comer. A mola esta semana não veio; tanta falta aquele bocadinho mercearia que me dais; eu não posso trabalhar porque já tenho anos, meu marido 82. Veja, pois, me pode arranjar alguma coisa. Mandei ir ao merceeiro que desse algum arroz, açúcar, e chá. Mas o merceeiro estava atalhado porque a conta já era grande. O «Figueira», um dos confrades está sempre pronto para ir arranjar dinheiro. Foi então dar uma vez pelos subscritores tendo arranjado dinheiro que chegou para pagar da conta que se devia na mercearia. Agora ficamos nas lonas pois que está breve a chegar a festa de Natal, do Ano Novo e gostava e costume dar uma ceia abundante. Ao lerdes esta crónica ficar admirados por ser tão ceia mas tem que ser assim, porque para os nossos corações tem tempo de pensar.

Com os nossos Pobres ficar pedindo ao Pai do Céu por vós todas as vossas intenções e neste caso estamos a fazer o dever que Deus nos pede e que o nos Pai Américo nos ensinou assim conviver com os nossos Irmãos que precisam.

Que o amor reine nos nossos corações. A direcção é: Conferência do Santo Nome de Maria da Casa do Gaiato de Beire — Paredes.

António Henriques

# 23 DE OUTUBRO

ASSIM como nas famílias pequenas, também nós — a maior da Nação — jamais deixamos de assinalar, amorosamente, o aniversário natalício do Pai — o nosso Pai Américo. Em nossas Casas o 23 de Outubro não é uma festa à maneira do mundo. Mas um dia cheio de Vida — e de saudade também. A saudade nasceu com o homem. É própria do homem. Mas como ela é tão rica, como ela só vale quando impregnada de Fé!

A capela da nossa Aldeia estava cheia. Toda a Família reunida aos pés do altar. Sentimos, mesmo, à nossa volta, um ambiente mais vivo, mais concentrado, pois Serafim — um irmão que deseja tomar a sua cruz na Obra que lhe deu o ser — escolheu, e muito bem, o aniversário de Pai Américo para o acto solene do seu noivado. A homilia foi adequada. Rica de conceitos e de doutrina sobre o valor perene da Família. Mais; sobre o interesse que Pai Américo lhe devotava. Tanto, que aplicou à Obra da Rua o seu padrão de vida. E como nós precisamos, ora mais que nunca, de ter presente estas verdades! Que o mundo vive, realmente, uma era de dissociação, em que a célula base da Sociedade se corroi no que tem de mais santo.

E já que um pai adora ver e sentir o amor de seus filhos, Pai Américo no Céu, com certeza, viveu em plenitude esta Hora grande de alegria espiritual.

Júlio Mendes



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

# Aqui Lisboa

**Q**UE haja limite de idade na assistência às crianças é coisa que está a merecer revisão. Há instituições que têm as crianças só até aos 7 ou 8 anos, outras até aos 10 ou pouco mais e assim sucessivamente, sem que seja possível uma continuidade de acção no mesmo ou noutro estabelecimento de assistência. Salvo casos particulares, se uma criança não tem a educação ou seja capaz de a educar aos 7, também o não tem aos 8 ou 9; se precisa de protecção dum estabelecimento de assistência aos 10 anos, também sucederá o mesmo aos 12. É indispensável uma

coordenação de esforços, uma supervisão do problema à escala nacional, para que não se pereça trabalho e dinheiro, afinal bem poucos, numa terra em que as necessidades se apresentam calamitosas.

Temos certa relutância em admitir Rapazes vindos doutros estabelecimentos de assistência, atingidos pelo limite de idade, mas, não raro isso tem sucedido. Ainda há bem pouco recebemos em nossa Casa, nessas condições, três crianças, de 8, 12 e 14 anos, as últimas das quais irmãs duma que é nossa desde a idade dos 7 e que conta hoje quase 16. Todas vieram de estabelecimentos oficiais e, caso as não recebêssemos, como tudo está cheio, tem falta de

ba, não sabemos o que sucederia.

A relutância a que acima nos referimos não se filia em qualquer atitude de soberba ou de complexo de superioridade. Pobres de nós! Temos, porém, os nossos métodos próprios, o que ninguém poderá levar a mal. Num regime em que se pretende exercer o sentido da responsabilidade, em que o Rapaz é chamado a ser elemento activo dentro da Comunidade em que se insere, sendo ouvido e muitas vezes montado em que o trabalho é a própria garantia de subsistência, as entradas tardias de rapazes, para mais mentalizados segundo outros processos, nem sempre surtem felizes.

Concretizando o nosso pensamento, na linha do exposto inicialmente: há que coordenar os esforços realizados pelas várias entidades, particulares e oficiais. Ao Estado, sobretudo, compete realizar grande trabalho neste aspecto, pois é, mórmente entre os estabelecimentos de assistência oficiais ou oficializados que se verificam as lacunas apontadas e onde se gasta, fundamentalmente, o grosso da verba da assistência. Mas, claro, é preciso não confundir coordenação com intromissão no que diz respeito às obras da Igreja ou meramente particulares; isso seria asfixia que poderia equivaler a «pior a emenda que o soneto». De resto, por hoje, só nos queríamos referir ao «limite de idade» e desejar que ele desaparecesse, para dar lugar ao limite de necessidade e de aptidão para a realidade dura da vida. Fora disto, repetimos, muitos esforços e dinheiros serão em vão.

Padre Luiz

# CAL + VA RIO

Cont. da SEGUNDA página

se ajudem mutuamente a levar a cruz. Não se deseja que seja mudada a cruz que o Senhor talhou a cada um. Não. Seria oração errada. A vontade divina é imutável. Pretende-se, sim, que cada doente ajude seu irmão, para que a cruz dele seja mais fácil de carregar, e levar, até ao termo. A todos se pede, pois, aquela ajuda possível, consoante a capacidade de cada qual, para com o próximo. E eles dão-na. E eles amam-se. Só o amor é capaz de aliviar o peso da cruz!

O regresso ao Evangelho, ao espírito puro do Evangelho, é a única fonte de progresso no campo assistencial, quando os nossos métodos se declararem incapazes.

Cont. da PRIMEIRA página

miséria acorrenta-os e parece não haver força que os liberte. Miséria alimentada por uns tantos, que teimam em viver «da miséria alheia», e aceite pela maior parte como situação normal.

As vítimas não são capazes de reagir por si. Triste sinal! Vitória absoluta da miséria — é o caso presente.

O panorama é triste, se nos debruçamos sobre as gerações de meia idade e mais avançada — é mais problemática a reacção delas a qualquer força que tente levantá-las da letargia em que caíram. Para estas, o cruzar de braços também não é solução. Aná-las na sua miséria para não irem mais fundo e ao mesmo tempo lançar uma campanha eficiente em ordem ao saneamento de locais «infectados», parece ser caminho acertado.

Mas, se lançarmos um olhar para o futuro das gerações jovens, a crescer cada vez em maior número, e no mesmo ambiente dos pais e avós, devora-nos uma sede imensa de os salvar enquanto é tempo.

Na solução justa e por isso humana, destes problemas de ordem social há-de assentar a verdadeira paz que tanto ansiamos ver restabelecida por toda a parte.

Não a paz como o mundo no-la apresenta, mas aquela que é construída sobre a Justiça e sobre a Caridade.

Esta obra, porque difícil e morosa, exige uma colaboração de esforços de tal ordem que,

## Areias do Cavaco

bem pode considerar-se inimigo da paz, todo o que se recusasse a prestar o seu contributo.

— x —

As nossas contas. Em primeiro lugar queremos dizer àquele Senhor de Benguela que perguntou a um dos vendedores de «O Gaiato» se podia dar uma contribuição mensal, voluntária, para a Casa do Gaiato de Benguela, que sim. Outros seguem à frente. Todos os meses passamos por suas Casas a recolher a parte da herança que nos toca. Mil da C. B. e duas vezes 500\$00 de J. D. A. Mais 500\$00 de P. e J.. Os 100\$00 do costume da Catumbela e outro tanto do Luso para pagamento da ass.. Da C. V. de Benguela, uma série de pares de sapatos. Mais 100\$00 do Luso e desejos de que apareçam muitos donativos. Mil escudos de uma entidade sul-africana, por intermédio de pessoa muito amiga. A Maria de Fátima, do Lobito, não se esqueceu dos 200\$00 mensais para os nossos mais pequeninos. A Canada Dry tem sido inextinguível de simpatia. Nos dias de festa já sabemos a que porta ir bater na certeza de sermos bem recebidos. A C. U. C. A. brindou.

— nos com duas caixas de cereja e promessa de mais. Este cartão: « chorei as suas lágrimas e as do Carlos Manuel. Vão 1.000\$00, para que ele não esteja a mais ». Outra vez Lobito com 100\$00. E volta Benguela: « Ao ler Areias do Cavaco e sabendo as necessidades que atravessam dia a dia, não descansei a minha consciência, enquanto não desse do pouco que tenho, não compartilhasse com os nossos irmãos, menos afortunados ». Da S. A. C. o saço de açúcar mensal e sempre muita simpatia. Bem hajam! Mais 50, dados, em segredo, na rua. Do Lobito, massa, arroz, roupas, azeite e portas sempre abertas. Mais 50\$00 de Penela « para ajuda da cama para o António ». E mais esta carta de Lisboa:

« Acabamos de receber o número de «O Gaiato» de 24 de Outubro.

A sorte do pequenino António faz doer o coração. Quem pudera remediar as dores de todos os pequeninos «Antónios» que andam desamparados por esse mundo!

Venho dar uma pequena ajuda pedindo só a V. que peça aos Batatinhas uma oração pela saúde e paz da nossa família.

Acima de tudo estes dois últimos donativos revelam uma

grande verdade — a Caridade não padece com a distância. É solícita, perseverante. E tanto mais viva quanto maior a Fé de cada um.

Padre Manuel António

Padre Baptista

Diz-se: a vida está mal. Diz-se e é verdade. E de quem é a culpa? De todos nós. Se não houvesse tanto egoísmo, tantos preconceitos humanos, tanta falta de caridade para com o nosso semelhante, o mundo seria melhor; porque, onde há Caridade há amor e onde há amor há paz. E não é dela que o mundo precisa?

Se todas as noites tivéssemos por hábito examinar a maneira como empregamos o dia que o Senhor nos deu, Deus mostraria como devia ser feito o nosso trabalho, com proveito para nós mesmos e aqueles que nos rodeiam!

Há dias, vieram bater-me à porta duas raparigas, dos seus vinte anos, casadas, cada uma já com seu filho. Como os maridos estão para a tropa, têm elas de arranjar para viver. Não vinham pedir esmo-

## ORDINS

la, mas trabalho. Apesar do nosso armazém estar cheio de trabalhos feitos, à espera das vossas encomendas, dei-lhes camisolas para fazerem. Temos camisolas, e quem não gasta do artigo!... Então, Senhoras, façam os vossos pedidos, que o Inverno está à porta.

Lembro também às Senhoras Vicentinas, que agasalham os seus Pobres com os nossos trabalhos, que as esperamos. Há tanto por onde escolher! Chales, em todos os tamanhos, capas, combinações em malha, mantas, colchas... Participo também que vamos ter peças de costura, principalmente roupa interior, baberoiros para criança, aventais, lençóis e traves-

seiros. Para já, tenho sacas de guardanapos, bordados em ponto de cruz, a 6\$, e outras feitas no tear, das que se usam agora.

Vistas levaram 5 pegadas e uma manta. Um casal que veio conhecer pessoalmente a Obra levou 3 pegadas e fez encomenda de uma colcha e uma carpeta, que segue para Lisboa, logo que esteja pronta. (Lisboa vai sempre à frente. E que dizer de África? Para Celeste Reis e Margarida Paulino muito tem seguido. Muito mais entusiasmo haveria, se todas as leitoras do «Famoso» lessem o nosso artigo).

Como há muitas pessoas que nos querem escrever directamente, aqui vai mais uma vez, a nossa direcção:

Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares (Douro I).

M. A.

